



Método Enunciativo de Leitura (MEL): um diálogo entre a linguística e o ensino

Enunciative Reading Method: a dialogue between
linguistics and teaching

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8671016

Jocyare Souza¹
Unincor

Ana Carolina Sandroni²
SEDUC – Guaxupé

Luciana Teixeira de Souza³
SEDUC – Carmo da Cachoeira

Resumo

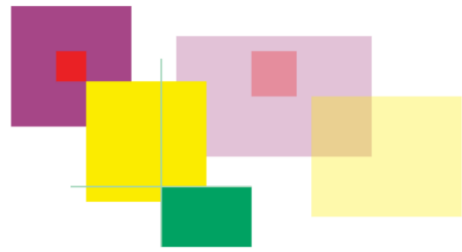
O presente estudo toma como proposta de reflexão a realidade da Educação Básica brasileira que revela, segundo estatísticas do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) - 2018, problemas consideráveis em relação à competência leitora dos estudantes. Considerando a perspectiva teórica Semântico-Enunciativa de Guimarães (2002, 2018), propõe o Método Enunciativo de Leitura (MEL) enquanto pedagogia multidisciplinar de desenvolvimento de competências que viabilizem, concretamente, habilidades leitoras em quaisquer áreas do conhecimento. Este dispositivo reporta-se à prática de leitura de textos que circulam nas esferas sociais desses alunos - cuja temática seja a abordagem à Cultura e História Regional/Local dos municípios - e a procedimentos de análise sob uma perspectiva enunciativa.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento, Método Enunciativo de Leitura (MEL), Ensino. Educação Básica

¹ Linguista. Mestre e Doutora em Linguística pela Unicamp. Tem Pós-doutorado em Semântica. Atualmente, é Professora Titular do Mestrado em Gestão, Planejamento e Ensino da Unincor. CV: <https://lattes.cnpq.br/6271092838621749>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2215-0774>, E-mail: jocyare.cristina5@gmail.com

² Bacharel em Química. Mestre. Supervisora da Rede Municipal de Ensino de Guaxupé-MG. E-mail: carolsandroni@gmail.com

³ Licenciada em Matemática. Mestre. Professora da Rede Municipal de Ensino de Carmo da Cachoeira-MG E-mail: luciana-teixeira2010@hotmail.com



Abstract

The present study takes as a reflection proposal the reality of Brazilian Basic Education which reveals, according to statistics from the International Student Assessment Program (PISA) - 2018, considerable problems in relation to students' reading competence. Considering the Semantic-Enunciative theoretical perspective of Guimarães (2002, 2018), it proposes the Enunciative Reading Method (MEL) as a multidisciplinary pedagogy for the development of competences that concretely enable reading skills in any areas of knowledge. This device refers to the practice of reading texts that circulate in the social spheres of these students - whose theme is the approach to Culture and Regional/Local History of the counties - and to analysis procedures from an enunciative perspective.

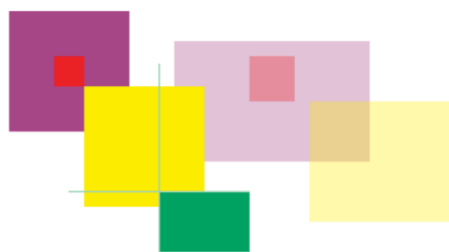
Keywords: Event Semantics, Enunciative Method of Reading (MEL), Teaching. Basic Education.

1. MEL, uma leitura semântico-enunciativa dos municípios mineiros

O projeto de pesquisa Formação de Professores: diagnóstico e perspectivas, sob coordenação da Profa. Dra. Jocyare Souza desde 2018, considerando a perspectiva teórica Semântico-Enunciativa de Guimarães (2018), propõe o Método Enunciativo de Leitura (MEL). Dessa forma, ao problematizar a realidade do Ensino na Educação Básica com foco na formação de professores, avaliando/discutindo/pensando o cotidiano escolar à luz de fundamentos teóricos da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002; 2018), estabelece um diálogo entre a Linguística e o Ensino.

O MEL se materializa, portanto, como ferramenta pedagógica de trabalho multidisciplinar, objetivando se tornar suporte aos professores da Educação Básica, no desenvolvimento de competências que viabilizem, concretamente, habilidades leitoras em quaisquer áreas do conhecimento. Importante ressaltar que concebemos competência, segundo Perrenoud (1999, p. 30), enquanto “faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”.

Tendo como objeto o estudo de textos que circulam nas esferas sociais de alunos da Educação Básica, o *corpus* se dará com textos específicos cuja temática seja a abordagem à Cultura e História Regional/Local dos municípios. O trabalho com textos, em circulação nas cidades tomadas como estudo, os quais enunciam suas Histórias e Culturas Locais, assim



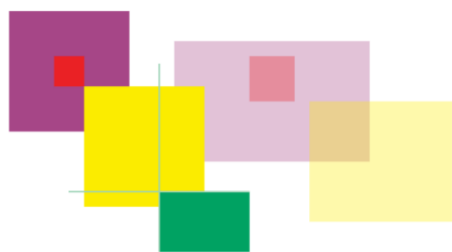
como os seus processos de nomeação/renomeação, ocupação e formação, marca um lugar comum dentro de quaisquer escolas, uma vez que dizer essas histórias, sob uma perspectiva semântico-enunciativa é fazer significar as identidades dos cidadãos que vivem nesses diversos municípios brasileiros mineiros.

Importante observarmos (BRASIL, 2018) o que relatam as estatísticas do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) na sua edição mais recente de 2018, aplicada no Brasil: apenas 2% dos estudantes atingiram o nível 5 e 6 de proficiência em leitura. São estudantes que compreendem textos longos, sabem lidar com conceitos abstratos e contraintuitivos, e diferenciam fato de opinião, enquanto os demais sabem apenas identificar a ideia geral de um texto de tamanho moderado e encontrar informações explícitas.

Os relatores da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) acreditam que sairemos desse lugar de estagnação e avançaremos à proporção que o trabalho realizado em prol do desenvolvimento de competência leitora na Educação Básica se propuser a “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2017. p. 63); a citação é a transcrição da primeira competência específica do documento para a área de Linguagens - disciplina de Língua Portuguesa - e deixa claro que o documento privilegia a abordagem discursivo-enunciativa, estabelecendo a relação das linguagens com os sentidos trazidos em práticas sociais, políticas e históricas. O texto introdutório do componente Língua Portuguesa da BNCC traz explicitamente a relação pretendida no trabalho com a linguagem, numa perspectiva discursivo-enunciativa muito próxima da defendida no MEL:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas **enunciativo-discursivas** na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus **contextos de produção** e o desenvolvimento de habilidades ao **uso significativo da linguagem** em atividades de leitura [...] (BRASIL, 2017, p. 65, grifo nosso)

A fim de enfrentar o problema rotineiramente apontado pelos avaliadores externos, sobretudo o PISA, como uma deficiência da Educação Básica, e em atendimento ao que se define na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o MEL, ao propor uma metodologia de leitura semântico-enunciativa, estabelece em suas bases metodológicas diretrizes para o desenvolvimento de competências de leitura e, conseqüentemente, de escrita.



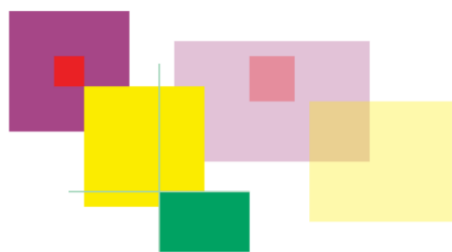
2. Método Enunciativo de Leitura (MEL) – procedimentos de leitura e análise

A história oficial do processo de ocupação/fundação das cidades brasileiras mineiras, tomada nos sites de suas prefeituras municipais, fala, quase sempre, do surgimento dessas cidades como algo mágico e sagrado, tendo suas (re)nomeações, comumente, ligadas a nomes de santos, minerais extraídos no local, nomes de habitante/família local, topografia, atividades que remetem ao trabalho na lavoura, na indústria e, por aí, vai; nomear algo no mundo, considerando a problemática dessa análise, é dar-lhe identidade, ou seja, é constituir sua existência histórico-social, (KARIM, 2012, p. 78).

Nosso olhar sobre os textos, cuja temática seja uma abordagem à História/Cultura Local, busca evidenciar, na (re)nomeação do povoado até sua emancipação à cidade, designações/reescrituras que enunciam esse processo de formação, ocupação, exploração do território a fim de responder: i. que povos e respectivas culturas foram/são apagados nessas narrativas? ii. como desenvolver competência leitora, sobretudo na Educação Básica, que dê conta de lidar com os textos que circulam nas esferas sociais de estudantes x (x = estudantes da Educação Básica das escolas parceiras envolvidas no projeto de aplicabilidade/replicabilidade do MEL) e enunciam a história e cultura local desses povos? Como transformar o aluno em leitor competente dessas histórias?

Todo esse movimento de análise parte do princípio de que o falante é uma figura linguística; portanto entendemos que os recortes de algumas sequências em textos orais/escritos, baseados em Guimarães (2018, p. 16), só se dão por serem consideradas como não virtuais (já que só existem quando e se ditam na enunciação). As escolhas das sequências (GUIMARÃES, 2018, p. 18) baseiam-se na relevância do que se problematiza para se refletir questões da linguagem e de seu funcionamento; logo é necessário saber encontrar as condições decisivas de funcionamento dos enunciados para evidenciar designações, descrevê-las, interpretá-las.

A fim de identificar os recortes que devem ser descritos e interpretados, dois procedimentos próprios do acontecimento do dizer serão utilizados e conceituados: reescrituração e articulação (GUIMARÃES, 2002; 2007; 2018). O procedimento de articulação estabelece as relações semânticas locais, significadas pela enunciação entre elementos do

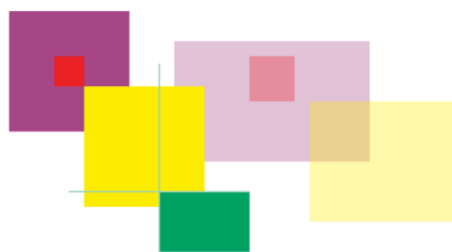


fragmento do texto que significam pela relação com os lugares de dizer agenciados pelo acontecimento, produzindo sentidos por predicação, complementação, caracterização, por dependência, coordenação, incidência, entre outras. Já o procedimento de reescrituração pode ser compreendido enquanto formulações e reformulações parafrásticas e polissêmicas, ou seja, capaz de dizer de forma distinta o que já foi dito e assim significando diferentemente e pode se dar por anáfora, elipse, substituição, expansão, definição, negação e/ou condensação.

Tomamos, como já dito, nos textos que definimos como corpus, para nosso movimento de análise, recortes – a noção de recorte enquanto fragmento do acontecimento da enunciação é a apresentada por Guimarães (1987; 2008; 2018) - que evidenciam nomes/designações que enunciam a história de surgimento do povoado que deu origem ao município x, a fim de descrevê-los e interpretá-los. A partir da nomeação e sucessivas renomeações, podemos enunciar a História de ocupação / formação desse povoado, pois consideramos que todo dizer é um acontecimento de linguagem constituído da historicidade própria do acontecimento que recorta em si um memorável. Ao se analisar enunciados sobre as histórias dos municípios, a reflexão deverá considerar, tomando o caráter político desse dizer, o lugar de onde se fala, quem são os falantes, seus lugares de dizer e as relações que permeiam este acontecimento de enunciação e sua temporalidade, de modo que a análise do texto não seja, simplesmente, a reprodução dos sentidos historicamente estabilizados (GUIMARÃES, 2007, p. 48).

Concebemos a constituição dos sentidos relacionada aos espaços de enunciação e ao político na linguagem. Os espaços de enunciação são os lugares de funcionamento de línguas habitados por falantes, são falantes divididos por seus direitos e modos de dizer, ou seja, é um espaço político. A cena enunciativa, conforme Guimarães, “[...] se constitui pelo agenciamento do falante a dizer. O agenciamento do falante o divide na cena em lugares de enunciação: o daquele que diz (Locutor), o lugar social de dizer (alocutor), e o lugar de dizer (enunciador)” (2018, p. 71), agenciando desta forma o lugar social de onde as figuras enunciativas enunciam.

As relações designativas dos processos de (re)nomeação tomam como procedimento o dispositivo Domínio Semântico de Determinação (DSD), que segundo o autor, “[...] é construído pela análise das relações de uma palavra com as outras que a determinam em textos em que funcionam” (GUIMARÃES, 2007, p. 80); os DSDs são representados por uma



escrita específica por meio dos sinais: \vdash ou \dashv ou \perp ou \top que significam determina, a exemplo, “[...] y \vdash x significa x determina y, ou x \dashv y significa igualmente x determina y); — que significa sinonímia; e um traço como _____, dividindo um domínio, significa antonímia” (GUIMARÃES, 2007, p. 81).

3. O contato com os textos: movimentos endógeno e exógeno

O princípio que norteará a pedagogia de leitura proposta pelo MEL é o entendimento de Guimarães (2011) de que um texto sempre enuncia outros textos ou elementos destes textos, associando-os e os transformando. Ao tratarmos do desenvolvimento de competência leitora, tomamos ‘sondagem’ e ‘recorte’ (GUIMARÃES, 2018, p.p. 75, 76) enquanto procedimentos imprescindíveis desse contato com os textos: “uma sondagem se caracteriza por encontrar um enunciado em um recorte do acontecimento de enunciação, e explorar este enunciado enquanto elemento deste recorte [...]. Cada sondagem pode ser relacionada a outras sondagens [...]”.

Embasados por essa perspectiva de que um enunciado tem a particularidade de possuir uma consistência interna e uma independência relativa, definimos ‘movimento endógeno’ e ‘movimento exógeno’:

- a) movimento endógeno - identificação do enunciado em um recorte do acontecimento de enunciação integrado ao texto que se recorta.
- b) movimento exógeno – movimento de busca de outros textos correlacionados, aos quais denominamos textos garimpados; “há no acontecimento do texto sempre o dizer de outros (GUIMARÃES, 2011, p. 27)”.

Destacamos que a relevância dessa metodologia de leitura não está no ensino pautado em gêneros textuais, mas na relação entre língua e enunciação que aparece nas enunciações específicas de textos particulares, considerando, mediante especificidade do MEL, os modos de circulação dos textos cuja temática seja a História e a Cultura Local nas esferas sociais de alunos da Educação Básica.

Considerando os movimentos elencados por Guimarães (2011), definimos o processo de leitura dos textos que enunciam a história de surgimento e formação do município x (x =



município tomado como base do estudo) enquanto Metodologia Enunciativa de Leitura. Na sequência, apresentação dos movimentos do MEL:

Movimento de Localização do Texto Oficial

A localização do Texto Oficial (definimos o texto localizado como Texto Oficial) que conta o processo de formação/ocupação/exploração no site da prefeitura municipal x (x = prefeitura do município tomado como base do estudo) é o ponto de partida para toda a comunidade leitora. Defendemos que seja formada uma comunidade leitora intramuros e extramuros escolar; a relação com o texto precisa ser entendida “como lugar de ‘inter-ação’ entre sujeitos sociais, isto é, de sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa” (KOCH, 2002, p. 19). Em oposição a essa prática comumente utilizada nas salas de aula, a leitura precisa ser vista como uma prática social intrínseca à vida cotidiana do aluno.

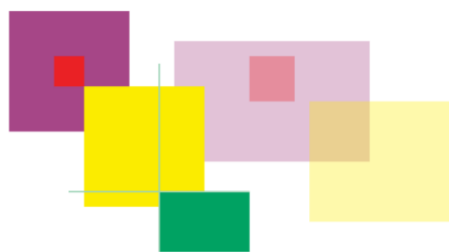
Se não identificado no site da prefeitura municipal x , esse poderá ser localizado no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Movimento Endógeno no Texto Oficial

Consideramos como sendo o movimento interno de leitura/análise ao texto localizado. O(a) aluno(a) estabelece o primeiro contato com o Texto Oficial.

Nessa etapa, é muito importante que se instituem as práticas de:

- i. leitura-reconhecimento: a leitura deve ser, inicialmente, em silêncio e, posteriormente, em voz alta pelo(a) professor(a) e/ou alunos(as) – a leitura oral pelos(as) alunos(as) precisa ser previamente organizada;
- ii. sondagem: o procedimento de sondagem será fundamental na identificação de enunciados importantes para a constituição de sentido(s) no texto. Nessa fase, a leitura já assume uma perspectiva analítica e deve ser precedida das perguntas: Que povos estiveram e/ou estão no município x ? Que cultura instituíram e/ou instituem? A pergunta direcionará a busca livre/individual dos trechos (recortes)/nomes (designações) que enunciam os povos presentes na região e suas respectivas culturas pelos(as) alunos(as);



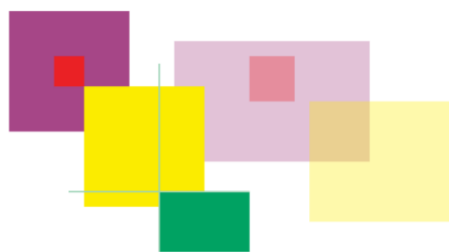
- iii. definição dos recortes: como já explicamos, a noção de recorte assume, aqui, uma concepção enunciativa. Trata-se de um momento subjetivo e se deve considerar a maturidade cognitiva de cada um;
- iv. oralidade/escuta pelos(as) alunos(as) /para os(as) alunos(as) a fim de se revelar/alterar os grifos feitos. Ensinar a leitura, portanto, é colocar em funcionamento um comportamento ativo, vigilante, de construção inteligente de significação, motivado por um processo consciente e deliberado. Nessa fase, o leitor se constrói, todos ampliam seu letramento a partir da escuta da escolha do outro/a. Retomar o procedimento de sondagem é perspicaz no sentido de se permitir rever/substituir/ampliar os grifos feitos. Essa prática amplia a reflexão e a formação de opinião; ler deixa de ser uma atividade individual para ser comportamento social.

Movimento Exógeno: a garimpagem de textos correlacionados

Nessa Etapa, consideramos a busca de outros textos que denominamos Textos Garimpados. O(a) aluno(a) migra para outros textos conforme seu interesse quantas vezes julgar necessário; sua busca trará respostas às questões levantadas nas sondagens realizadas no Texto Oficial e/ou Texto Garimpado. Como já dissemos, não trabalhamos com verdades instituídas e, sim, com o sentido posto em cada acontecimento de linguagem. Essa garimpagem de textos respeitará o ritmo de aprendizagem de cada um.

Sob o ponto de vista enunciativo, primamos por “desenvolver uma reflexão sobre os modos de expressão de natureza não linguística no intuito de constituir um olhar sobre as possibilidades de se conceber a natureza relacional da significação” (DIAS, 2018, p. 16); consideramos, portanto, além dos textos orais e escritos, todos os aspectos que podem ser considerados como prática de leitura: um gesto, uma expressão, uma imagem, um símbolo, um desenho, um mapa, uma fórmula de matemática/química/física, etc

De certa forma, essa busca será uma pesquisa sobre a história de cada leitor-pesquisador; história que, muitas vezes, foi apagada da História Oficial. Não há como prever resultados. A leitura que produz sentido vem juntamente com o interesse do/a aluno/a pelo que é lido, o movimento exógeno estimula o/a estudante a exercer seu protagonismo e a aprender a pensar, refletir e questionar – sendo respeitado o nível de competência leitora de



cada um/a, isto é, quando o texto consegue despertar o interesse do estudante, este, por sua vez, constrói sentido ao que está sendo lido

Movimentos Endógeno e Exógeno

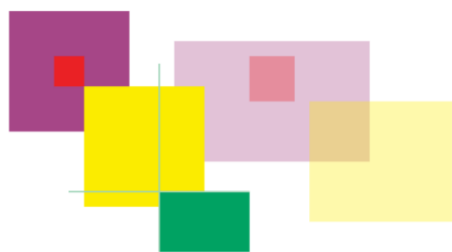
Consideramos como sendo movimentos constantes de idas e vindas aos grifos feitos no Texto Oficial e nos Textos Garimpados para se definir os Recortes/ constituir o(s) DSD(s).

Este procedimento de sondagem/identificação dos recortes pode se repetir até que a compreensão se mostre suficiente para constituição dos sentidos pretendidos, sentidos plurais e ao mesmo tempo dotados de especificidades.

Movimento de Definição dos Recortes que Constituirão o(s) DSD(s)

O(a) aluno(a) define, após ter concluído as etapas anteriores, os Recortes que constituirão o(s) DSD(s). Aconselhamos que o(s) DSD(s) sejam constituídos conforme caminho realizado por cada leitor-pesquisador e trabalhado(s) em estações recomendadas pela metodologia do Ensino Híbrido (BACICH et al., 2015). A constituição dos DSDs é uma etapa de raciocínio lógico significativo e exigirá um nível avançado de compreensão dos procedimentos de análise propostos por Guimarães (2018).

O desenvolvimento da competência de leitura e análise de textos proposto é processual e deve ser sistematicamente acompanhado de avaliações diagnósticas cujos resultados nortearão o/a professor(a) sobre próximos passos. Inicialmente, a identificação das designações, o processo de reescrituração e articulação, a constituição/definição dos recortes poderão ser trabalhados sem uma representação gráfica no DSD; os próximos passos se constituirão de representação gradativa: do nível básico (i. o reconhecimento dos sinais que constituem o DSD; ii. a correlação das designações que determinam e que são determinadas) ao mais complexo (analisar as reescriturações considerando o dispositivo analítico Domínio Semântico de Determinação, DSD, proposto por Guimarães (2007)).



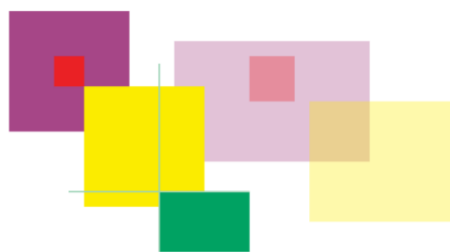
4. Movimentos Endógeno e Exógeno e o desenvolvimento de competência leitora

A obra 'De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica' (FERRAREZI JR. e CARVALHO, 2017) apresenta estratégias para a realização de um trabalho com a leitura na Educação Básica. Os autores problematizam a escassez de títulos em grande parte das bibliotecas escolares e, em algumas realidades, a inexistência da própria biblioteca. Entre as soluções apresentadas, os autores sugerem o Carrossel de Leitura, um rodízio com livros doados à escola. Nossa menção à obra desses autores é apresentar o MEL que propõe todo o percurso de leitura considerando o Texto Oficial disponível no site das prefeituras municipais e textos garimpados na esferas sociais dos/as alunos/as pelos/as próprios/as alunos/as como uma solução para espaços escolares desassistidos. A concepção de texto (GUIMARÃES, 2011) estabelece o entendimento do caráter plural e dialógico da leitura, ler as diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo constitui-se em precioso instrumento no processo de produção do conhecimento.

Althusser nos apresenta o aparelho ideológico escolar e nos faz refletir sobre o quanto a escola:

[...] se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o maternal, e desde o maternal ela lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles em que a criança é mais "vulnerável", espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar, os saberes contidos na ideologia dominante[...]. (ALTHUSSER, 1992, p. 79).

Os movimentos endógeno e exógeno constituem-se práticas que desconstruem a ditadura da leitura normatizada, refém de resultados homogêneos, que determina o que se deve ou não ler, que prezam pela interpretação direcionada de textos ao invés da compreensão autoral fundamentada pelas marcas presentes no texto analisado. Os movimentos endógeno e exógeno possibilitam o movimento particular, próprio do ritmo de cada leitor(a) e valorizam o proposto pelo ensino híbrido (*blended*) no trabalho com as estações (BACICH; MORAN, 2018); consideram como imprescindíveis os espaços móveis de aprendizagem (SANTOS, 2015): garimpar outros textos requer saltar os muros da escola e estabelecer contato com textos vários; como já dito, presentes nas esferas sociais do(a) leitor(a) em questão.



[...] tende-se a considerar e a atribuir à escola tudo aquilo que é educativo; a escola tem que absorver todas as funções educativas que antes eram desenvolvidas fora da escola. [...] A função educativa que antes se acreditava ser própria da família agora passa a assumir a forma escolar. (SAVIANI, 1994, p. 154).

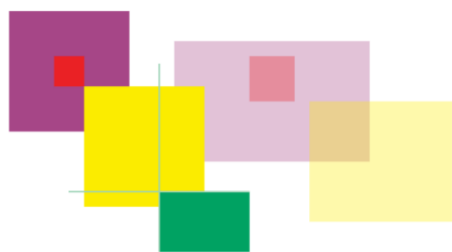
A metodologia semântico-enunciativa de leitura concebida pelo MEL, considerando os movimentos endógeno e exógeno, não considera a supremacia da técnica; ao contrário, enaltece o memorável que se enuncia nos acontecimentos de linguagem; desconstrói a “historicidade da censura em que o livro didático ou a biblioteca limitada é quem escolhe o livro a ser lido” (NUNES, 1998, p. 33).

5. Método Enunciativo de Leitura (MEL): Aplicabilidade e Replicabilidade a Docentes da Educação Básica

A análise que se apresenta nessa seção é transcrição do resultado da leitura de textos (Texto Oficial e Textos Garimpados) sobre a cidade de Formiga-MG, de autoria da Profa. Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos Santos. A docente é bacharel em Química e, atualmente, atua como supervisora da Educação Básica na SEDUC-Guaxupé/MG. Ressaltamos sua formação acadêmica a fim de evidenciar que não se trata de análise de uma linguista, mas do resultado da aplicabilidade do MEL por uma professora da Educação Básica.

Nosso intuito, mediante amostragem, é confirmar a propositura multidisciplinar do MEL assim como evidenciar os resultados que comprovam a eficácia dessa pedagogia de leitura. Esse estudo foi apresentado/aplicado em formato de oficinas, com duração de 6 meses, aos professores, gestores e colaboradores da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo-MG. A culminância foi a apresentação da replicabilidade desse estudo por professores de escolas/cidades várias dessa SRE. O mesmo estudo foi apresentado na *Facultad de Lenguas* – UNC – Córdoba/Argentina, no Projeto Interculturalidade em Foco, coordenado pelos professores Richard Brunel Matias e Jocyare Souza. Na sequência, mostra *ipsis litteris* de fragmento desse estudo.

[...]



CULTURA E HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL NOS PROCESSOS DE (RE)NOMEAÇÃO DE CIDADES
BRASILEIRAS: UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LEITURA SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA

ANA CAROLINA RIBEIRO SANDRONI DOS SANTOS

Os recortes dos textos, tomados, aqui, como a materialidade linguística analisada, com designações e respectivas reescrituras sublinhadas, encontram-se em quadros, que antecedem o gráfico do DSD, suas legendas, resultados e discussão. Nossa mostra incidirá, especificamente, sobre a descendência africana.

Nestas análises, considera-se a cena enunciativa (GUIMARÃES, 2018) formada por um Locutor, que escreveu sobre a história de Formiga para o site oficial da cidade e, o lugar social de dizer (alocutor), que o autoriza a falar em nome de todos os cidadãos da cidade, representado pelo próprio site, configurando-se como um alocutor-oficial, que traz a história que deve representar todos que ali vivem; assim acontecimentos do dizer enunciam os memoráveis que buscamos fazer significar por meio de designações/reescrituras apresentadas nos recortes que listaremos a seguir.

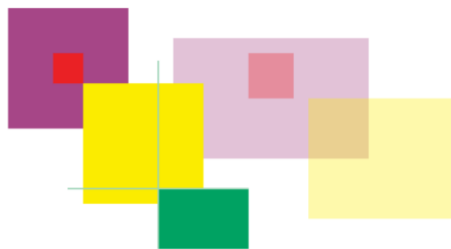
Nas análises que se seguem, os recortes são nomeados por “R” e numerados em ordem crescente. Cada um dos trechos do texto oficial tomado como ponto de partida terá um recorte (R...) específico a ser analisado, buscando por meio das reescrituras do nome Formiga e das relações que estabelecem dentro do texto em que funcionam, responder aos seguintes questionamentos: Que povos enunciam? Quais culturas enunciam?

Este processo pode ser compreendido como movimento endógeno, pois ocorre dentro do texto por meio das relações de sentidos entre as palavras deste. Seguindo, recortes do Texto Inicial poderão levar à busca por outros textos, caracterizando o movimento exógeno; a fim de complementar os sentidos que respondam a essas questões e possibilitando a construção do gráfico do DSD,

Sobre a Presença de descendência escrava/africana no município de Formiga-MG.

Recorte 1

Mister se faz, então, considerarmos a história a partir de meados do século XVIII, ou seja, a partir de 1737, com a abertura da picada de Goiás, partindo de São João



Del Rey com destino à nascente do Rio São Francisco e às minas de Goiás, e não Pitangui como se chegou a acreditar.

Recorte 2

[...] o denominado “Caminho de Goiás” estendia-se por 266 léguas (cerca de 1.596 Km), consumindo cerca de 3 meses de viagem. Era percorrido por tropas [...] acolitado por “tocadores” geralmente escravos ou mamelucos.

Recorte 3

[...] o nome da cidade teve origem com a vinda dos índios Tapuias, de São Paulo, para dismantelar o Quilombo de Ambrósio, localizado entre os municípios de Formiga e Cristais. Em algumas situações, as aldeias destes indígenas eram denominadas Formigas pelo fato de estes se alimentarem de tanajura.

Recorte 4

Aqui temos algumas peças que retratam a presença de escravos aqui na região de Formiga. [...] temos as correntes e os grilhões de prender os escravos no tronco quando faziam alguma arte que o senhor não gostava. [...] O Morro das Balas marca um lugar de resistência dos quilombolas que viveram no Quilombo de Ambrósio, que existiu entre os anos de 1741 e 1760 entre as cidades de Cristais e Formiga. [...] encontramos em Formiga algumas edificações construídas por escravos que aqui viveram, como o muro dos escravos. Cemitério do escravo Adão.

Recorte 5

A Congada é uma tradição que vem da Nossa Senhora do Rosário, nasceu na África e Chico Reis trouxe para o Brasil.

Recorte 6

Nossa Senhora não era, é a santa dos escravos. A igreja da Nossa Senhora do Rosário é uma lembrança de quando os brancos vinham à missa e nós, que somos negros, de fora ficava esperando. Por isso que fala, a igreja hoje, de Nossa Senhora do Rosário é onde todos os negros têm a liberdade de entrar, ajoelhar e rezar.



Recorte 7

[...] Nossa Mãe não aluiu / Ôô Companhia / Com Moçambiqueiro nossa Mãe saiu.

Olha o negro tá chorando / A nós, faz só um carinho / Foi no dia 13 de maio / Foi com assembleia que a senhora criou / Foi assinar nossa alforria / Esse negro já chorou / vou falar para a senhora / cativeiro já acabou

Sapateia negro de Angola / Sapateia Nossa Senhora.

DSD : Presença de Descendência Escrava/Africana

escravos negros

⊥

Picada de Goiás (1737) ⊥ Escravo Adão

⊥

(cidade) **Formiga** ⊥ Quilombo de Ambrósio — Morro das Balas ⊥ negros

⊥

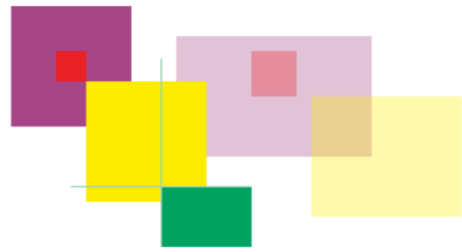
[in]submissos

Congadas do Rosário

⊥

Nossa Senhora do Rosário — santa dos escravos [Angola e Moçambique]

Onde lê-se: Escravos negros determinam Picada de Goiás (1737) que determina (cidade) Formiga. Picada de Goiás (1737) é também determinada por Escravo Adão. Negros [in]submissos determinam Quilombo de Ambrósio que está em sinonímia com Morro das balas. Quilombo de Ambrósio determina (cidade) Formiga. Santa dos escravos de Angola e Moçambique está em sinonímia com Nossa Senhora do Rosário que determina Congadas do Rosário. Congadas do Rosário determina (cidade) Formiga.



R1, retirado do texto que conta a história de Formiga-MG no site oficial da prefeitura, traz a temporalidade do início do século XVIII, marcando o processo de colonização do Brasil no período que sucedeu sua “descoberta” em 1500. Neste trecho, o ano de 1737 é determinado pela presença de um movimento denominado “Picada de Goiás”. “Goiás” funciona neste texto, articulando “picada” por um processo de caracterização, enunciando o movimento que partia de São Paulo com destino a Goiás e não outro qualquer. Assim, torna-se possível migrar para outros textos a fim de identificar quais povos ou culturas estiveram presentes nesse movimento que passou pela região e foi também responsável pela formação do território de Formiga-MG.

Em R2, retirado da revista eletrônica boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região, (2020, p.4), “Caminho de Goiás” reescreve “Picada de Goiás” por um processo de definição e, neste texto em que funciona, apresenta-se relacionado à palavra “escravos”, marcando a presença destes povos neste movimento que percorreu a região que hoje compreende Formiga-MG, sem ainda deixar claro a presença destes povos neste território. Assim, a análise levou à retomada de um recorte já utilizado anteriormente na constituição dos sentidos do DSD Cultura Indígena, tendo agora outras designações marcadas, o R3, retirado do texto que conta a história de Formiga, disponível no site oficial da prefeitura.

Neste trecho a cidade de Formiga aparece num acontecimento de enunciação relacionada à expressão “Quilombo”, esta, articulada a “Ambrósio” por um processo de caracterização. Assim, neste texto em que a palavra “Formiga” funciona, ela apresenta-se composta por um quilombo, o de Ambrósio. A presença de um quilombo na região traz indicativos da presença da cultura escrava nesta, até então apagada do texto oficial que conta a história da cidade. Entretanto, é necessário buscar em outros textos informações que identifiquem a presença destes povos na região de forma mais concreta. Assim, R4, R5, R6 e R7 foram retirados do vídeo documentário *Histórias de Formiga-MG: descendências e suas culturas* (2021), sendo R4 no minuto 4:51’, R5 em 9:23’, R6 em 11:07’/13:45’ e R7 em 12:39’/15:00’/16:42’.

No R4, a palavra “peças” reescrita por catáfora a expressão “correntes e os grilhões” e ambas funcionam no texto articuladas às palavras “escravos” e “Formiga”. Por este trecho, identifica-se que houve negros escravos na região que hoje compreende Formiga, ainda numa situação de submissão. A palavra “edificações”, reescrita por catáfora as expressões “muro dos escravos” e do “Morro das Balas”. “Morro das Balas”, expressão obtida nas narrativas

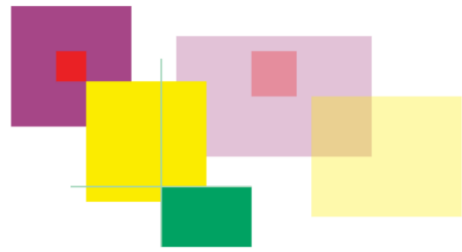


orais, reescritura por substituição “Quilombo de Ambrósio”, por ser o nome atual do lugar onde existiu este quilombo, marcando a presença de negros moradores do Quilombo de Ambrósio ou em propriedade de fazendeiros, negros fugidos ou alforriados. Estas relações linguísticas marcam a descendência destes povos e a [in]submissão deste povo e sua presença na região de Formiga-MG. Já o “Cemitério do escravo Adão”, enunciando “escravo”, articulado a “Adão” por um processo de caracterização, marca a presença de tropeiros e, entre estes, escravos como o “Adão”, ali enterrado. “Tropeiros” surgem nos recortes como determinação dos viajantes que percorriam o caminho da “Picada de Goiás”, sendo estes determinados pela presença de escravos como o “Adão” enunciado pelas narrativas orais dos moradores de Formiga-MG.

R5, R6 e R7, outros recortes, garimpados na pesquisa de campo, por meio de entrevista a cidadãos negros formiguenses/música de manifestação religiosa/poemas, retratam manifestações religiosas típicas da região de Formiga e têm sua origem na descendência Africana, as famosas Congadas do Rosário. Nestes recortes encontram-se reescrituras de “Nossa Senhora do Rosário” por substituição: “Santa dos escravos”, “Mãe”; e por condensação: “Nossa Senhora”. Por meio deles, identifica-se a presença da cultura escrava relacionada à devoção de Nossa Senhora do Rosário, confirmando o que foi identificado nas narrativas orais dos entrevistados, senhor Leonardo e senhor José. Em seguida, os cânticos dos congadeiros do R7 trazem a palavra “nego” articulada à “Angola”, constituindo o sentido da origem africana destes escravos, especificamente de Angola e Moçambique, “Moçambique” aparece numa relação com a palavra “Mãe”, sendo o povo para o qual a santa apareceu.

Além destas relações, os trechos narram o processo de libertação dos escravos no Brasil, trazendo a data da alforria relacionada com “cativeiro já acabou”. Segundo Rezende, (2017, p.117) nesta temporalidade que marca o processo de colonização do Brasil, os escravos que não podiam cultuar seus Deuses, considerados pelos católicos colonizadores, europeus, como Deuses pagãos, passaram a adorar santos católicos negros, à sua semelhança, como Nossa Senhora do Rosário, mantendo a “[...] cultura trazida da África, disseminada pelos grupos étnicos através do Congado (também denominado de Reisado), muito presente nas cidades de todo o sertão oeste de Minas Gerais e Triângulo Mineiro [...]”.

Neste cenário, com os sentidos constituídos nesse movimento exógeno, buscando em outros textos os povos, suas descendências e culturas presentes no momento de constituição



da cidade de Formiga e que ainda hoje exercem influência na constituição das identidades culturais dos formiguenses levam a perceber o apagamento dos escravos negros no texto oficial da cidade.

Segundo Rezende (2017), a picada de Goiás que passou pela região de Formiga foi de grande importância para a formação deste território e para a ocupação da então Goiás. Era um caminho percorrido por tropas e bandeirantes, utilizado também por contrabandistas e que teve sua origem em busca do ouro das regiões do interior do Brasil. Este movimento percorrido por tropeiros evidencia o apagamento dos escravos que também compunham suas diligências e, o “Cemitério do escravo Adão” enuncia a presença destes povos nesta região, percorrendo este caminho para Goiás. Assim, percebe-se que a temporalidade instaurada pelo ano de 1737, período de colonização e ocupação do território brasileiro, marca a presença de tropeiros, agindo como exploradores e colonizadores do interior do país e, da região que hoje compreende Formiga. Os textos analisados evidenciam a presença de povos escravos neste movimento, apagados do texto oficial que conta a história de Formiga, mas presentes em formações arquitetônicas conservadas até a atualidade, como o “Cemitério do escravo Adão”, o “muro dos escravos” e o “Morro das Balas”.

A “picada de Goiás” enuncia a exploração deste território e sua ocupação pelos portugueses num movimento que antecedeu a Marcha para Goiás, ocorrida anos mais tarde. Esta picada torna-se um acontecimento memorável porque retoma o passado do início da ocupação de Goiás e do território de Minas Gerais e institui uma futuridade, dada pela Marcha de Goiás ocasionada pelos então novos rumos traçados com a Revolução de 1930 (PÁDUA, 2007).

R3, que enuncia “índios Tapuias” e “Quilombo de Ambrósio”, confirma a ocupação do território por estes povos e seus descendentes. Neste, o índio é marcado como selvagem, aquele que veio para exterminar um povo, os negros. Além disso, ao trazer o “Quilombo”, marca a rebeldia do negro que, trazido para o Brasil, das regiões de Angola e Moçambique (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020), para ser submisso ao europeu, não aceita sua condição, se rebela e foge para os quilombos. Assim, “Quilombo de Ambrósio”, numa relação de sinonímia com o local denominado hoje como “Morro das Balas”, enuncia a submissão dos negros, ao mesmo tempo que enuncia sua insubmissão. Ao determinar o índio como selvagem e o negro como rebelde, neste acontecimento, está-se, em verdade, apagando a ação de extermínio própria dos portugueses, que escravizam, que



ocupam regiões e exterminam povos, inclusive trazendo os índios que comem tanajuras, os selvagens, para dismantelar o quilombo daqueles que se rebelaram contra seu poder de colonização, marcando novamente o processo de ocupação e formação do território nacional.

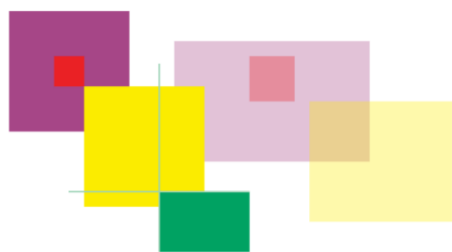
As narrativas orais coletadas em pesquisa de campo, presentes nos recortes 4, 5, 6 e 7, confirmam a informação de que esses negros estiveram presentes na região, no Quilombo de Ambrósio e nela permaneceram após este ser dismantelado. A festividade religiosa e a devoção à Santa dos escravos, Nossa Senhora do Rosário, confirma que a cultura desses negros de Angola e Moçambique perdura com seus descendentes. Além da cultura africana, os cânticos narram os anos de luta deste povo, sujeitado à aculturação branca, mas insubmissos, buscando sua liberdade e direitos de igualdade.

Interessante ressaltar que, ao realizar a análise do nome “Nossa Senhora do Rosário”, considerando R5, R6 e R7, a Santa dos escravos, percebe-se já, nesta temporalidade da nomeação, uma aculturação branca europeia. A este respeito, alguns pesquisadores, segundo Garone (2008) defendem a mesma posição citada anteriormente por Rezende (2017), de que os negros, impedidos de adorarem seus Deuses, passaram a adorar santos católicos.

Considerações finais

O último relatório do Indicador de Alfabetismo Funcional, INAF, realizado em 2018 no Brasil, demonstra que 3 em cada 10 brasileiros com idade entre 15 e 64 anos encontram-se em situação de analfabetismo funcional, ou seja, não são capazes ou apresentam enorme dificuldade com as habilidades de leitura e compreensão (AÇÃO EDUCATIVA, 2018). O MEL, conforme comprovamos, atende às determinações dos documentos que normatizam o ensino no Brasil e mostra-se ferramenta inovadora na busca de resultados mais promissores do que os apresentados pelo INAF sobre a proficiência leitora dos brasileiros.

O MEL, conforme apresentado na seção 5, foi levado para dentro das escolas de Educação Básica e se mostrou, conforme resultados obtidos na avaliação dos professores / gestores / colaboradores que participaram de sua aplicabilidade, coerente com o que se determina na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo contemplado nas competências mínimas a serem desenvolvidas com os alunos. Acreditamos que o MEL possa



ter sua aplicabilidade/replicabilidade ampliada nas escolas de Educação Básica, oportunizando aos estudantes competência de uso da língua.

Enquanto algo inovador, questionamentos permeiam a prática do MEL para o desenvolvimento de competência leitora na Educação Básica, uma vez que os procedimentos de leitura e análise de textos se ancoram em uma teoria do campo da Linguística em nível *stricto sensu*. Nosso estudo, já realizado em escolas parceiras, abre perspectivas para aplicação do MEL a professores(as)/estudantes não só da Educação Básica. Se respeitado o ritmo de aprendizagem (sendo essa aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1980)), se considerado o protagonismo estudantil, se redefinida a cultura avaliativa (refletir sobre a desnaturalização da avaliação (FREITAS, 2015)), essa metodologia semântico-enunciativa de leitura certamente será uma pedagogia eficaz no trabalho com a leitura.

Reconhecemos que o MEL enquanto metodologia semântico-enunciativa de leitura se apresenta como ferramenta capaz de auxiliar a solucionar um problema real na Educação Básica, contribuindo eficazmente para a diminuição do analfabetismo funcional.

Referências

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO: ação social do IBOPE. **Indicador de Alfabetismo Funcional-Inaf Brasil 2018**: Resultados preliminares. Edição Especial. [S.l.], 2018. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 05 de nov. de 2020.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (orgs.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma Educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BOLETIM CULTURAL E MEMORIALÍSTICO DE SÃO TIAGO E REGIÃO. **Sabores e saberes**. Ano XIV, nº CLV, ago. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana%20Carolina/Downloads/Edi%C3%A7%C3%A3o%20155%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Carolina/Downloads/Edi%C3%A7%C3%A3o%20155%20(1).pdf). Acesso em 27 jul. 2021.



BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular: BNCC.**, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em 14 nov. 2019.

BRASIL. República Federativa do Brasil. Ministério da Educação, MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Básica, DAEB. **Relatório Brasil no PISA 2018: versão preliminar.** Brasília, DF. Inep/MEC, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf. Acesso em 05 nov. 2020.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e relações linguísticas.** Campinas, SP: Ed. Pontes, 2018.

FERRAREZI JR., C.; CARVALHO, R. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

GARONE, T. D. **Uma poética da mediação: história, mito e ritual no Congado setelagoano – MG.** Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais (ICS); Departamento de Antropologia (DAN); Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) - Universidade de Brasília (UNB). Brasília, 2008.

GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação.** Campinas: Pontes, 4^a. ed. aumentada, 2007 (1987).

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação.** Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. “Dois Modos de Não Dizer Eu”. **Apresentado no Seminário CAEL, LABEUB/Unicamp,** 2008.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto: Procedimentos, Análises, Ensino.** Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. **Semântica: Enunciação e Sentido.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. **A palavra: forma e sentido.** Campinas: Editora RG, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Brasil 500 anos: território brasileiro e povoamento. Negros. Regiões de origem dos escravos negros,** 2020.

Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/regioes-de-origem-dos-escravos-negros.html>. Acesso em 03 de nov. 2020.

KARIM, T. M. **Dos nomes à história – o processo constitutivo de um estado: Mato Grosso.** Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto.** – 2^a ed – São Paulo: Cortez Editora, 2002.

NUNES, J. H. Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In: E. P. Orlandi (org.). **A leitura e os leitores.** 1ed. Campinas: Pontes, 1998.

PÁDUA, A. S. A sobrevida da marcha para o oeste. **Estudos**, Goiânia, v. 34, n. 7/8, p. 623-643, jul./ago. 2007. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/viewFile/402/333>. Acesso em 23 nov. 2020.



PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

REZENDE, A. M. N. **Fluxos Globais no século XVIII**: A produção do modus vivendi e operandi no entorno da estrada real Picada de Goiás. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

RODRIGUES, E. F. A avaliação e a tecnologia: a questão da verificação de aprendizagem no modelo de ensino híbrido, In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (orgs.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, C. J. et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SANTOS, G. S. Espaços de aprendizagem In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (orgs.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

SILVA, A. P. B. V. da. **Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita**. Curitiba: IESDE, 2006.

SOUZA, J. Tempo e espaço enunciam o memorável que constitui os sujeitos e as línguas no acontecimento de linguagem. **Traços de linguagem**, Cáceres, v. 1, n. 1, p. 45-56, 2017